

Conferência realizada  
na Universidade do Pôrto, para celebrar  
o Tricentenário  
do nascimento de Molière

É a primeira vez que tenho a honra de falar nesta sala. Sem cumprimentos hipócritas e sem exageros de convenção, confesso que me perturbam um pouco as responsabilidades assumidas. E preciso que a minha palavra não deslustre as tradições desta casa, onde ainda há pouco ressoou a voz mais eloquente de Portugal. E é preciso que a excelsa figura que eu desejo evocar ante V.<sup>as</sup> Ex.<sup>as</sup> não a amesquinhe a estreiteza da minha compreensão, precisamente quando se tenta erguê-la a uma glorificação de mais fulgor e acolhê-la na memória com mais sentido e consciente carinho. Daí a minha perturbação...

Mas eu seria menos verdadeiro se não acrescentasse que foi gostosamente que assumi tais responsabilidades. Vou falar de Molière, o que equivale a dizer que vou falar de uma das individualidades que mais completamente exprimem a alma da França. Ora eu amo a alma da França desde que junto dela vivi horas de angustiosa ansiedade, as grandes horas silenciosas em que melhor se sentem rumorejar as ocultas energias profundas e em que a aparência transitória, o que há de episódico no ser humano, nos não distrai da contemplação face a face da formidável realidade que nele se oculta.

Vi a França como nem sequer a tinha sonhado — sofredora e altiva, cheia de fé patriótica e energia para todas as provas, com uma unidade moral que as divergências políticas parece que ainda mais fortaleciam e uma convergência de esforços capaz de um dos maiores milagres da História.

Essa França da acção, assim surpreendida num grande

momento revelador, me ajudou a melhor compreender a França do pensamento e da arte. E fiquei amando mais vivamente o velho espirito gaulês, que melhor que nunca eu vi ser scintilação exterior de profundas claridades espirituais, estremecimento epidérmico de concentradas energias íntimas — espuma irisada e alígera boiando à superfície de abismos oceânicos.

MEUS SENHORES:

Molière é demasiadamente grande e complexo para que eu lhe possa, na estreiteza do tempo, dar, mesmo apenas esboçada, a silhueta literária. Terei que contentar-me com um ou outro traço mais característico e definidor, que em mais claro relevo lhe possa marcar o génio e melhor vos possa fazer entrever, através dele, a própria alma francesa, a nossa genial irmã latina.

Assim, desejava falar-vos de Molière como comediógrafo, ou seja, da sua singular Arte de surpreender o ridículo e provocar o riso — e aqui é meu intento chamar a vossa atenção, meus senhores, para o que de abissal e trágico está para lá dos seus esgares e facécias, para o que de vida profunda se entrevê sob o riso do comediante.

E depois queria dizer-vos de Molière como artista, como intérprete supremo da vida do seu século, como Colombo do Novo-Mundo da Arte que ao depois o Romantismo havia de explorar.

E era ainda meu desejo pôr em relevo como o grande génio é, pela Arte que realiza e pela tradição que representa, dos mais altos expoentes do génio francês, como ele, fundamentalmente, risonho sem leviandade, crítico mas construtivo, cheio do bom senso claro e honesto, que é a expressão do seu equilíbrio, o sintoma daquela magnífica e risonha saúde moral que tão claramente explica todos os seus triunfos.

Evidentemente que vos não demorarei sobre a biografia de Jean Baptiste Poquelin, *dit de Molière*. Ter nascido criado da câmara do rei, pelas funções hereditárias de seu pai; ter, por esse facto, recebido no Colégio de Clermont uma educação fidalga, como a do seu condiscípulo príncipe de Confi, educação que ao depois completou com as lições de filosofia de Gassendi e o curso de direito em Qrléans; ter passado

tempo depois deste ambiente fidalgo da sua primeira sociedade para o meio aventureiro, medíocre, quasi *déclassé*, para onde a vocação artística o arrastou, quero dizer — ter sido, como é sabido, director de companhia teatral, ele mesmo comediante, passando através da Província douze anos de vida incidentada, com alternativas de alta e baixa fortuna, até que finalmente triunfou sobre os seus inimigos, de quem soube fazer rir a própria corte, gosando nos últimos anos a felicidade duma consagração só descontada — ai dêle! — das mil surdas desconfianças que a mulher comediante, muito mais nova e, além de tudo, "*coquette*", dia a dia lhe provocava; por fim, a morte quasi trágica, quasi em pleno palco, quando representava a última das suas sátiras contra a medicina que nunca poupou — essa morte que foi o soluço a rematar a gargalhada, momento que resume uma vida onde bem parece que o riso claro boiou muita vez sôbre escuros dramas irrevelados, tudo isso nos interessaria saber, se para tal houvesse tempo. Não o temos; há pois que fixar de tudo isto apenas quanto possa mais fortemente ter influenciado a psicologia do genial artista.

Molière viveu em Paris, no meio fidalgo, em plena corte, e, pela província, em camaradagem com actores, êle próprio actor. Quere isto dizer — teve contacto com a França inteira, conheceu todas as suas classes e todas as suas províncias. Mais ainda: representou muito tipo diferente, procurou, observando gesto, linguagem, atitude, surpreender caracteres, embora incarnar almas momentaneamente.

Lembremos que foi ele que representou o «Scapin» das *Fourberies*, criado ladino que, para se vingar do amo, convence-o da necessidade de ocultar-se dentro dum saco para fugir a urna fingida turba de perseguidores. Toma o saco às costas, e depois, ele próprio imita, para o espancar, a linguagem e sotaque do gascão, a vozeria de nada menos que meia dúzia de soldados, alternando com a própria voz em choro, como se ele mesmo houvesse participado das pancadas.

Como vemos, maravilhosas condições que lhe facilitarão a criação duma arte que é toda cheia de observação inteligente, urna interpretação profunda e nítida da vida.

Mas tudo isto se pode mostrar a *posteriori*.

Quando Molière iniciou a sua carreira de autor e comediante, a comédia em França era predominantemente, uma

imitação espanhola ou italiana. Como tal, a acção emaranhava-se de mil incidentes romanescos e o cómico ou resultava, espesso, da obscenidade grosseira, ou explodia, absurdo, dos exageros caricaturais, das inverosimilhanças chocantes. Era a farça com todas as suas características de absurdez, de charlatanismo e de enormidade, a farça para estoirar de riso os primitivos, todos quantos não usam, para nutrir o espírito, mais que o repasto vulgar das sensações.

Molière conheceu esta fase. É lembrar *o—Médecin volant—uma* das suas primeiras comédias. É uma farça como o público lhe pediria muitas, mas lhe havia de aplaudir bem poucas. Sganarelle, criado de Valère, disfarça-se em médico para, desse modo, poder proteger os amores de seu amo com a filha de Gorgibus, a qual se finge doente para evitar casar com quem seu pai lhe impõe como noivo. Mas Sganarelle precisa também de se apresentar como criado a Gorgibus que o recebeu como médico. E ei-lo numa rapidez de Frégoli saltando pela janela disfarçado em médico para entrar pela porta vestido de criado; e ei-lo, para dissipar desconfianças, fingindo, como criado, abraçar o médico... na toga preta que pendurava do braço!...

Eis o *cómico truanesco* e inverosímil, chocando pelo disparate, procurando por cócegas o riso fisiológico. Nem ideias, nem almas —um corpo movendo-se em transfigurações apalhaçadas.

Molière, porém, subiu, muito em breve, para além desta grosseira forma do cómico. O público amava-a, mas o próprio dos génios é educá-lo, não ser educado por ele. O génio não desce ao povo para lhe repetir o que ele sabe. Só o faz para lhe entremostrear o que ele ignora.

Molière subiu muito para além do *cómico truanesco*. Mais brilhante que ninguém, ele fez a revelação do *cómico gracioso*. Este, sabei-lo bem, distancia-se daquele como as folhas de elegante recorte se distanciam das raízes grosseiras e tortuosas. O primeiro é a utilização do tregeito e da momice, quero dizer, das virtualidades simiescas do corpo, e provoca o riso primitivo, aquele em que só o corpo estremece e vibra, aquele epidérmico riso material, de que o nosso povo diz que *apanha barrigadas*.

O *cómico gracioso*, pelo contrário, é o próprio espírito a surpreender a realidade e a revelar, pelo verbo, forma superior da expressão, o traço cómico que nela se oculte. E porque é sem intervenção de atitudes simiescas que o espí-

rito risonho comunica aos outros espíritos a gososa vibração álaçre, é que essa sua forma superior se chama *graça*. De facto, o conceito de *graça* exclue absolutamente o que haja de pesado, contrafeito, enorme, nos demarcados exageros da caricatura, ou quanto de confusa trapalhada se mova na acção romanesca. Graça implica simplicidade, leveza; a graça, se toca a matéria, imponderaliza-a; se beija o espírito dá-lhe não sei quê de alígero que o angeliza.

Numa palavra — se o cómico truanesco se presta a dar, pelo tregeito, as deformações do corpo, a graça surpreende e revela, pela palavra iluminante, os ridículos da alma.

*Les Précieuses ridicules* inicia esta fase do *cómico gracioso*, porque, bem que algum ridículo derive da humilhação final das preciosas, vendo tosado o falso titular que haviam tomado como *bel esprit*, é a graça do diálogo que lhe empresta o cómico essencial, a graça fina que surpreende e com discreta e risonha naturalidade nos mostra um dos mais curiosos aspectos da sociedade francesa do século XVII:

MASCARILLE, *après avoir salué.*

Mesdames, vous serez surprises sans doute de l'audace de ma visite; mais votre réputation vous attire cette méchante affaire, et le mérite a pour moi des charmes si puissants que je cours partout après lui.

MADÉLON.

Si vous poursuivez le mérite, ce n'est pas sur nos terres que vous devez chasser.

CATHOS.

Pour voir chez nous le mérite, il a fallu que vous l'y ayez amené.

MASCARILLE.

Ah! je m'inscris eu faux contre vos paroles. La renommée accuse juste en contant ce que vous valez, et vous allez faire pic, repic et capot, tout ce qu'il y a de galant dans Paris.

MADÉLON.

Votre complaisance pousse un peu trop avant la libéralité de ses louanges, et nous n'avons garde, ma cousine et moi, de donner de notre sérieux dans le doux de votre flatterie.

CATHOS.

Ma chère, il faudrait faire donner des sièges.

MADÉLON.

Holà! Almanzor.

ALMANZER.

Madame.

MADELON.

Vite, voiturez-nous ici les commodités de la conversation.

MASCARILLE.

Mais au moins y a-t-il sûreté ici pour moi?

CATHOS.

Que craignez-vous?

MASCARILLE.

Quelque vol de mon coeur, quelque assassinat de ma franchise. Je vois ici des yeux qui ont la mine d'être de fort mauvais garçons, de faire insulte aux libertes, et de traiter une ame de Turca More. Comment, diables! d'abord qu'on les approche, ils se mettent sur leur garde meurtrière? Ah! par ma foi, je m'en défie et je m'en vais gagner au pied, ou je veux caution bourgeoise qu'il ne me feront point de mal.

### ?E os *Facheux*?

Eis a comédia quasi inteiramente destituída de intriga. !Com que objectiva e viva verdade os *facheux* são focados! E sobretudo — o que por enquanto importaria ao nosso objectivo — com que natural graça Molière os apresenta! O cómico em Molière não emplastra a realidade, não lhe empresta narizes de papel nem alvaiade e vermelhão de palhaço. E ela surge na sua verdade, apenas mais visíveis os traços cómicos, para mais pronta ser a comunicação do riso.

Este cómico, que é a subtil florescência do espírito, gaivota leve sobre a espuma branca da vaga mansinha, inspirador de agudezas que são, sobre a monótona planura da existência, mil libélulas doiradas, faúlha através de toda a obra de Molière. Por toda ela o pode colher a nossa contente curiosidade.

Lembremos, nas *Fourberies de Scapin*, o pai avarento que, persuadido de que o filho está preso numa galera turca, ao criado que lhe pede o dinheiro do resgate, repete, indignado:

— Que diable irait-il faire à cette galère?...

O criado chama-o á consciência da situação. Urge salvar o cativo. O pai propõe um meio mais suave, regateia o preço do filho. Scapin convence-o de que os turcos não cederão. E como são irrespondíveis as razões do ladino, ei-la de novo a escapatória da avareza:

— Mais que diable irait-il faire à cette galère?...

Lembremos, no *Amoar Médicin*, o diálogo entre Lisette e M. Thomés, um médico.

M. THOMÈS.

Comment se porte son cocher?

LISETTE.

Fort bien. Il est mort.

M. THOMÈS.

Mort?

LISETTE.

Oui.

M. THOMÈS.

Cela ne se peut.

LISETTE.

Je ne sais pas si: cela se peut, mais je sais bien que cela est.

M. THOMÈS.

Il ne peut pas être mort, vous dis-je.

LISETTE.

Et moi, je vous dis qu'il est mort et enterré.

M. THOMÈS.

Vous vous trompez.

LISETTE.

Je l'ai vu.

M. THOMÈS.

Cela est impossible. Hippocrate dit que ces sortes de maladies ne se terminent qu'au quatorze, ou au vingt-un, et il n'y a que six jours qu'il est tombe malade.

LISETTE.

Hippocrate dira ce qu'il lui plaira, mais le cocher est mort.

E no *Médecin malgré lui*, o espírito de Sgnarelle...

!Lembram V. Ex.<sup>as</sup> a scena em que a filha de Géronte, apaixonada por Léandre, se finge curada por Sgnarelle da mudez que simulara para se libertar do casamento a que o pai a queria forçar? E primeiro, ouvi o raciocínio clínico do falso médico, paródia à palavrosa medicina do tempo, mais discutidora que observadora:

JACQUELINE.

Monsieu, vlà votre fille qui veut un peu marcher.

SOANARELLE.

Cela lui fera du bien. Allez-vous-en, monsieur l'apothicaire, tâter un peu son pouls, afin que je raisonne tantôt avec vous de sa maladie. (*Sganarelle tire Géronte dans un coin du théâtre, et lui passe un bras sur les épaules pour l'empêcher de tourner la tête du côté où sont Léandre et Lucinde,*

Monsieur, c'est une grande et subtile question entre les docteurs, de savoir si les femmes sont plus faciles à guérir que les hommes. Je vous prie d'écouter ceci, s'il vous plaît. Les uns disent que non, les autres disent que oui: et moi je dis qu'oui et non; d'autant que l'incongruité des humeurs opaques qui se rencontrent au tempérament naturel des femmes, étant cause que la partie brutale veut toujours prendre empire sur la sensitive, on voit que l'inégalité de leurs opinions dépend du mouvement oblique du cercle de la lune; et comme le soleil qui darde ses rayons sur la concavité de la terre, trouve...

Depois, Lucinda finge recuperar a fala; e a alegria de seu pai, vendo-a curada, logo volve em indignação, por ouvi-la apenas obstinar-se no desejo de casar com Léandre.

LÚCINDE.

Rien n'est capable d'ébranler la résolution que j'ai prise.

GÉRONTE.

Quoi!...

LÚCINDE.

Vous m'opposerez en vain de belles raisons.

GÉRONTE.

Si...

LÚCINDE.

Tous vos discours ne serviront de rien.

OÉRONTE.

Je...

LÚCINDE.

C'est une chose où je suis déterminée.

QÉRONTE.

Mais...

LÚCINDE.

Il n'est puissance paternelle qui me puisse obliger à me marier malgré moi.

GÉRONTE.

J'ai...

LÚCINDE.

Vous avez beau faire tous vos efforts.

QÉRONTE.

Il,...

LÚCINDE.

Mon coeur ne sauroit se soumettre à cette tyrannie.

GÉRONTE,



LUCINDE.

Et je me jeterai plutôt dans un convent, que d'épouser un homme que je n'aime point.

GÉRONTE.

Mais...

LUCINDE, *avec vivacité.*

Non. En aucune façon. Point d'affaire. Vous perdez le temps. Je n'en ferai rien. Cela est résolu.

GÉRONTE.

Ah! quelle impétuosité de paroles! Il n'y a pas moyen d'y résister. (*à Sganarelle.*) Monisieur, je vous prie de la faire redevenir muette.

SOANARELLE.

C'est une chose qui m'est impossible. Tout ce que je puis faire pour votre service, est de vous rendre sourd, si vous voulez.

Mas esta espécie de cómico, a que eu me permiti chamar o *cómico gracioso* é, para um espírito profundo, quero dizer, amando devassar o além-aparência, penetrar na própria e alheia realidade, demasiadamente aflorante e exterior. Não são os humoristas quem tem posto a consciência de olhos abertos em face das profundidades da vida. Mostram-nos os recortes caprichosos da crista do abismo mas não nos abeiram dele, para lhe sentir o mistério.

Molière não quis ser apenas humorista. Sondou profundamente a vida. Para além das aparências cómicas, viu as almas em sua intimidade. E eis porque ha certas frases de personagens suas que são simultaneamente ditos de espírito e revelações de almas.

Orgon, fanatizado por Tartuffe, quando, ao chegar a casa, informando-se do que se havia passado, ouve sua irmã falar-lhe da doença da mulher, depois de cada pormenor que lhe expõe, pergunta, na sua obcessão:

— Et Tartuffe?

Respondem-lhe :

— Tartuffe! Il se porte, á merveille,

Gros et gras, le teint frais, et la bouche vermeille.

ORQON.

Le pauvre homme!

Mais outro pormenor alarmante sobre a doença, e novamente a pergunta:

— Et Tartuffe?

— Il soupa, mangea deux perdrix  
Avec une moitié du gigot en hachis.

E sempre o refrão do obcecado:

Le pauvre homme!

?E o *sans dot* de *L'Avare*?

?E no *Malade imaginaire* esta frase reveladora:

«Mais c'est pour moi que je lui donne pour mari un médecin!»

Tudo isto não são apenas frases para mover ao riso. São traços vincados, com os quais se pode reconstruir todo um carácter, como com um osso Lineu afirmou reconstruir um esqueleto.

Mas ainda vai mais longe, penetra ainda muito mais na vida o cómico de Molière. Para além da aparência grotesca, viu o grande génio a realidade trágica. E ha peças dele em que as duas faces da vida se nos mostram. ?Lembram V. Ex.<sup>as</sup> a teoria dos contrastes que é a chave dos dramas de V. Hugo? Pois já estava realizada, bem que não desdobrada em teoria, na obra de Molière. *Le Misanthrope*, *L'Avare*, *Tartuffe*, sobretudo *L'Avare*, são peças em que o cómico é apenas a expressão exterior do íntimo trágico.

?Como o riso de Molière é por vezes o *riktus* intermediário entre o soluço e a gargalhada! Em *L'Avare* o vício da avareza é-nos mostrado ao mesmo tempo no seu horror e no seu ridículo, enquanto desencadeia as mais lóbregas tragédias na vida de família e enquanto deforma a beleza normal do homem em ínfimas atitudes caricaturais. ?E *Tartuffe* não é ainda a vida vista do limiar em, que a cómica aparência fronteira com a intimidade trágica? ?Que há de mais ridículo que essa cegueira idiota que entrega Orgon nas mãos do hipócrita que o explora e tenta infamá-lo? ?Mas que ha de mais trágico do que este desagregar da vida numa família, do que esta ruína dum lar pelo venenoso egoísmo dum falso beato? Molière, vivendo a vida profundamente, tinha Demócrito nos lábios e Heraclito no coração.

Mas eu toquei no que encontro de mais interessante na personalidade de Molière, o intérprete da realidade profunda e complexa que é a vida.

Quando ele representava em Vaux, perante a côrte entusiasmada, a comédia já citada (*Facheux*), para cuja *reprise* o próprio rei deu a indicação do tipo do *Caçador*, alguém assistia, de inteligência atenta por detrás dos sentidos em

feira, que melhor que ninguém soube ver a estranha revelação da nova arte em que a facécia mais não era que a incidental vestidura.

Cet écrivain par sa manière  
 Charme à présent toute la cour.  
 De la façon dont son nom court,  
 Il doit être par de la Rome.  
 J'en suis ravi, car c'est mon homme.  
 Te souvient-il bien qu'autrefois  
 Nous avons conclu d'une voix  
 Qu'il alloit ramener en France  
 Le bon gout et l'air de Térence?  
 Plaute n'est plus qu'un plat bouffon,  
 Et jamais il ne fit si bon  
 Se trouver à la comédie;  
 Car ne pense pas qu'on n'y rie  
 De maint trait jadis. admire  
 Et bon in illo tempore  
 Nous avons changé de méthode,  
 Jodalet n'est plus à la mode  
 Et maintenant il ne faut pas  
 Quitter la nature d'un pas

Era La Fontaine quem assim escrevia.

Este contraste marcado entre a arte de Molière e a de Jodelet, que era um comediante, parece indicar que a sua inovação se cingia à técnica, ao exterior, à expressão histriónica.

Mas não devia referir-se apenas a isso. A inovação quanto à técnica, o próprio Molière se lhe refere, em *L'In-promptu de Versailles*:

MOLIÈRE.

J'avois songé une comédie ou il y auroit eu un poete, que j'aurois représenté moi-même, qui seroit venu pour offrir une pièce à une troupe de comédiens nouvellement arrivés de campagne. Avez-vous, auroit-il dit, des acteurs et des actrices qui soient capables de bien faire valoir un ouvrage? car ma pièce est une pièce... Hé! monsieur, auroient répondu les comédiens, nous avons des hommes et des femmes qui ont été trouvés raisonnables partout où nous avons passé. Et qui fait les rois parmi vous? Voilà un acteur qui s'en démêle parfois. Qui? ce jeune homme bien fait? Vous moquez-vous? il faut un roi qui soit gros et gras comme quatre; un roi, morbleu! qui soit entripaillé comme il faut; un roi d'une vaste circonférence, et qui puisse remplir un trône de la belle manière. La belle chose qu'un roi d'une taille galante! Voilà déjà un grand défaut: mais que je l'entende un peu réciter une douzaine de vers. Là-dessus le comédien auroit recite, par exemple, quelques vers du roi de Nicomède,

Te le dirai-je, Araspe? il m'a trop bien servi,  
 Augmentant mon pouvoir...

le plus naturellement qu'il lui'auroit été possible. Et le poete: Comment! vous appelez cela réciter? C'est se railler; il faut dire les choses avec emphase. Ecoutez-moi.

(*Il contrefait Montfleury, comédien de l'hôtel de Bourgogne.*)

Te le dirai-je, Araspe?... etc.

Voyez-vous cette posture? Remarquez bien cela. Lá, appuyez comme il faut le dernier vers. Voilà ce qui attire l'approbation et fait faire le brouhaha. Mais, monsieur, auroit répondu le comédien, il me semble qu'un roi qui s'entretient tout seul avec son capitaine de gardes parle un peu plus humainement, et ne prend guère ce ton de démoniaque. Vous ne savez ce que c'est: allez-vous-en réciter comme vous faites, vous verrez si vous ferez faire aucun ah!

Mais, porém, que tal inovação, havia La Fontaine de admirar a verdade perfeita dos tipos flagrantes de realidade que viviam no teatro que aplaudia.

Porque eram no século XVII uma novidade chocante.

Recordemos um pouco:

À fisionomia especial do século XVII em França dá-lha a existência duma rígida ordem social, garantida por uma hierarquia inamovível de valores. O rei ao centro e ao alto, com uma corte fulgurante e obediente. Províncias fora, cortes pequeninas, traduções correctas, embora em edições bem mais modestas, da corte de Versailles. Em torno delas, os artistas e os literatos, para elas trabalhando, delas vivendo, com o seu gosto se conformando, podendo entoar os versos dum *ballet* de Molière, *mutatis-mutandis*:

Unissons-nous tous trois, d'une ardeur sans seconde,  
Pour donner du plaisir au plus grand roi du monde,

Em plano subjacente, os burgueses endinheirados, contentes da subalternidade ou exforçando-se pelos pergaminhos.

E cá em baixo, na arrazada planura, o *rude populaire*, *les menues gens*, para cuja miséria só olham os raros como Fénélon. Neste sistema planetário não há desvios, nem choques, nem sobressaltos. Estão resolvidas as questões que mais agitam hoje o homem — a questão religiosa, a questão política, a social. Se há divergências, são mais de forma que de fundo. E as polémicas sobre teologia e religião não logram fazer estremecer o edifício social.

Por forma que o salão resumia a vida da sociedade — da sociedade que produzia a arte ou o pensamento e da sociedade que modelava a história política — quero dizer, das volutas superiores da espiral hierárquica. Consequentemente, o madamismo, soberano dos salões, cultualizado como nunca, com influência profunda sobre a arte e a literatura, pelo menos. As academias de várias escolas, os centros de diversas políticas, os templos de antagónicas confissões, clubs etc., onde se agrupam e apaixonam para a luta os nossos contemporâneos, bem, se pode dizer que desenvolvem este remoto e tranquilíssimo germe — o salão precioso, a *ruelle où l'on causait*.

?E sôbre que conversavam? É obvio que sobre a realidade que o hotel e o parque anexo podiam enquadrar. — Da natureza humana, o homem modelado pela civilização; e da natureza física, o parque geometrizado por Le Notre. Mas este critério de nobreza levava mais longe; e assim, do homem civilizado só interessavam os sentimentos mais nobres e as mais nobres ideias. Portanto, exclusão, do campo literário, dos impulsos ou instintos, do que há por consequência de mais vivo e de mais consolidado na realidade complexa que nós somos. E porque era um espírito de sociabilidade que atraía ao salão, cumpria eliminar quanto não obedecesse ao conformismo social que fazia pressão, quanto fôsse individual, quanto fosse estranho ou quanto fosse exótico — temperamentos originais, tipos de civilizações inferiores, quer pretéritas, quer contemporâneas, com quem não se sentissem afinidades intelectuais ou morais. E ainda como se estava numa sociedade ordenada, solidamente hierarquizada, o princípio da autoridade tiranizava a literatura como toda a arte, e as regras que o exprimiam, eram meúdinhas e impertinentes, rigidamente pautando, melhor direi, comprimindo em formas, organizando com artifício, mutilando nos arranjos, tanto a forma como o assunto.

E eis o mundo de onde Molière emerge.

?E qual a sua primeira inovação?— Foi interessar a *elite* por um género literário considerado sem nobreza — a comédia. Portanto, dignificou a comédia. E a comédia dignificada, foi escola, senão de moral, pelo menos de arte viva. E à *elite* aí atraída ?que ensinou Molière?

Ensinou-lhe que a vida é demasiadamente larga e pro-

funda e agitada para caber nos salões. E para que a vissem, fê-la passar como ela é, na sua grandeza ou mediocridade, na sua beleza ou hediondez, através das suas comédias.

Ensinou-lhe que o homem não é uma *abstracção* nem um *esquema*, nem é, psicologicamente, um ser tão bem organizado como seria para desejar. E' uma perpétua dinamização de energias antagónicas e forças sem concordância.

Ensinou-lhe, portanto e finalmente, pelo exemplo e pela teoria, a rir das regras.

Toda a vida passa nas comédias de Molière.

?Quereis estudar a parte sã da nobreza contemporânea de Molière? Lá a tendes com *Dorante* ou *Elise* em *La critique à l'Ecole des Femmes*.

Mas se quereis o marquês arruinado e explorador, ou efeminado e fútil — encontrá-lo-heis em mais duma comédia, significando-vos que o género não escasseava no tempo...

A burguesia endinheirada que aspira aos pergaminhos, vêde-a no *Bourgeois Gentil'homme*, em *Monsieur de Pourceaugnac*.

A ciência pedante, a literatura preciosa, a devoção hipócrita, o direito caviloso, a medicina oca e retórica, tudo lá tem os seus representantes.

E o povo humilde não falta por lá. E' o povo dos criados e das criadas, ladino e serviçal, humilde e espancado, mas cheio de bom-senso e fina crítica tanta vez.

Por forma que o palco ae Molière é um *écran* onde se move toda a vida que passa—e que passa em Paris e nas Províncias, porque em toda a parte com ela esteve em contracto, em toda a parte o sagacíssimo observador que êle era a surpreendeu e graciosamente no-la representou. "*Lorsque vous peignez des héros, vous faites ce que vous voulez, ce sont des portraits à plaisir, ou l'on ne cherche point de ressemblance... Mais lorsque vous peignez des hommes, il faut les peindre d'après nature: on veut que ces portraits ressemblent, et vous n'avez rien fait, si vous n'y faites reconnaître les gens de votre siècle*".

Esta atitude de atenta observação em face da vida é um seu próprio inimigo, Donneau de Visé, que lha atribue, quando numa comédia o descreve como tirando notas para um canhenho de quanto de notável lhe dizem perto "...*l'on peut dire de lui qu'il ne va pas sans ses yeux ni sans ses oreilles.*..

Tal atenção nos deixa ver que a psicologia das personagens de Molière há-de ser sem deformações nem artificialismos. O homem surge completo, realidade viva. "*Il n'est pas incompatible* — diz ele pela boca de Dorante em "*La Critique de l'Ecole des Femmes* — *qu'une personne soit ridicule en certaines choses et honnête en d'autres*".

Isto quer dizer que no teatro onde só era conhecido *o carácter* — isto é, o homem irreal, movido por uma mola apenas — entra, pela mão de Molière, o homem *concreto*, sem mutilações nem esquematismos. Tartuffe é ambicioso e sensual. Todas as cautelas do hipócrita e ao mesmo tempo os impulsivismos comprometedores do apaixonado. Alceste odeia as futilidades dos salões e apaixona-se por uma requintada flor dos salões, convencional e falsa. Mas o caso mais típico é seguramente o de Arnolphe, velho ridículo e antipático que sequestra para o egoísmo do seu amor uma rapariga que propositadamente deixa ignorante e que, ao ver tudo perdido, lhe diz esta coisa formidável de intensidade trágica, que arripia.

## ARNOLPHE

Mon pauvre petit cœur, tu le veux, si tu veux.  
 Ecoute seulement ce soupir amoureux;  
 Vois ce regard mourant, contemple ma personne,  
 Et quitte ce morveux et l'amour qu'il te donne.  
 C'est quelque sort qu'il faut qu'il ait jetté sur toi,  
 Et tu seras cent fois plus heureuse avec moi.  
 Ta forte passion est d'être brave et leste,  
 Tu le seras toujours, va, je te le proteste;  
 Sans cesse, nuit et jour, je te caresserai,  
 Je te bouchonnerai, baiseraï, mangerai;  
 Tout comme tu voudras, tu te pourras conduire:  
 Je ne m'explique point, et cela, c'est tout dire.

(*bas à part.*)

Jusqu'où la passion peut-elle faire aller!

(*haut.*)

Enfin à mon amour rien ne peut s'égalier:  
 Quelle preuve veux-tu que je t'en donne, ingrater?  
 Me veux-tu voir pleurer? Veux-tu que je me batte?  
 Veux-tu que je m'arrache un côté de cheveux ?  
 Veux-tu que je me tue? Oui, dis si tu le veux,  
 Je suis tout prêt, cruelle, à te prouver ma flamme.

Eis-nos no limiar do drama. Pela face histriónica passou uma nuvem reveladora de tempestades íntimas a que os homens nunca negam a sua comovida solidariedade.

Molière, mesmo, à primeira vista, na disposição para atentar apenas ao lado caricatural da vida, nota e fixa a fugidia e dramática sombra.

São, portanto, seres vivos que perpassam ante nós. Julgamos ver-lhes a fisionomia, ouvi-los falar. !E como êles falam!

Os médicos não se confundem com os advogados. Têm uma linguagem especial os frequentadores requintados dos salões. E os picardes, os limosinos, os gascões, os flamengos e os suíços falam os seus *patois* próprios, !E toda a sociedade francesa do século XVII, são as pessoas e as instituições e os costumes, as ideias e os sentimentos, que foram fixados pelo genial comediógrafo para a eternidade da arte!

O suficiente vos tenho dito, meus senhores, para verdes como quem assim está em contacto com a própria vida que é vária e imprevisita, tumultuaria e ilógica, não pode caber a dentro das regras. Levar-nos-hia muito longe o confronto da arte de Molière com as prescrições dos cânones clássicos. Cumpre pôr de parte este aspecto da questão. Mas não o farei sem vos lêr êste trecho de *La Critique de l'Ecole des femmes*:

DORANTE

Vous êtes de plaisantes gens avec vos règles dont vpus embarrasez les ignorans, et nous étourdissez tous les jours. Il semble, à vous ouir parler, que ces règles de l'art soient les plus grands mystères du monde; et cependant ce ne sont que quelques observations aisées que le bon sens a faites sur ce qui peut ôter le plaisir que l'on prend à ces sortes de poemes; et le même bon sens, qui a fait autrefois ces observations, les fait fort aisément tous les jours sans le secours d'Horace et d'Aristote. Je voudrais bien savoir si la grande règle de toutes les règles n'est pas de plaire; et si une pièce de théâtre qui a attrapé son but n'a pas suivi un bon chemin! Veut-on que tout un public s'abuse sur ces sortes de choses, et que chacun n'y soit pas juge du plaisir qu'il y prend!

URANIE

J'ai remarqué une chose de ces messieurs-là; c'est que ceux qui parlent le plus des règles, et qui les savent mieux que les autres, font dès comédies que personne ne trouve belles.

DORANTE

Et c'est ce qui marque, madame, comme on doit s'arrêter peu à leurs disputes embarrassantes. Car enfin, si les pièces qui sont selon les règles ne plaisent pas, et que celles qui plaisent ne soient pas selon les



règles, il faudroit, de nécessité, que les règles eussent été mal faites. Moquons-nous donc de cette chicane, où ils veulent assujettir le goût du public, et ne corisultons dans une comédie que l'effet qu'elle fait sur nous. Laissons-nous aller de bonne foi aux choses qui nous prennent par les entrailles et ne cherchons point de raisonnemens pour nous empêcher d'avoir du plaisir.

URANIE

Pour moi, quand je vois une comédie, je regarde seulement si les choses me touchent; et, lorsque je m'y suis bien divertie, je ne vais point demander si j'ai eu tort, et si les règles d'Aristote me défendoient de rire.

DORANTE

C'est justement comme un homme qui auroit trouvé une sauce excellente, et qui voudroit examiner si elle est bonne, sur les préceptes du cuisinier françois.

Mas é tempo, meus senhores, de olhar a obra de Molière a um outro ponto de vista:

?Contentou-se o genial comediógrafo a transpor para a scena estes episódios da vida real com o exclusivo objectivo de *plaire*? ?Limitou-se o grande génio, cuja voz a humanidade julgou digna de guardar na memória, a ser o histrião da cõrte, a *donner du plaisir au plus grand roi du monde*?

Por forma nenhuma. A quasi totalidade das suas comédias elevam-se a um alio objectivo de moralidade. Molière tenta moderar os excessos, corrigir os defeitos do seu tempo. As exorbitâncias da autoridade paterna desvairando para a imposição de enlaces odiosos; a tirania ou a cegueira marital; a pretensão dos burgueses às escaladas na hierarquia; a avareza, a hipocrisia, a sensualidade serôdia dos velhos, a sciência palavrosa, de tudo quanto já ficou dito ou ainda se possa omitir soube ele mais que rir e fazer rir — soube tirar impressivas lições de honesto e claro bom-senso.

Mas isto, dir-se-há, é muito pouco comparado com as sagradas responsabilidades do génio. Corrigir excessos ou defeitos por modelos médios, não é transpor limites, realizar ascensão, preparar outros mais altos e mais perfeitos modelos médios.

Em verdade, Molière não procurou com a sua crítica aos costumes, mais que incutir virtudes médias. Há, é certo, uma peça em que ele toca o problema da virtude heróica, É o *Misanthrope*,

?Recordam-na V. Ex.<sup>as</sup> ? Ela é, essencialmente, a fotografia dum meio social falso, fútil e intrigante, de onde se ergue um homem de rijo arcaboço moral, em choque permanente contra a fragilidade que o rodeia e ele ataca em diatribes pesadas como rijos golpes de montante...

Contra esta maneira como Molière trata *Alceste* insurge-se Rousseau. "*Molière n'a point voulu corriger les vices, mais les ridicules... Il lui restait à jouer celui que le monde pardonne le moins, le ridicule de la vertu; c'est ce qu'il a fait dans le Misanthrope... Alceste est un homme droit, sincère, estimable, un véritable homme de bien; Molière lui donne un personnage ridicule... Molière a mal saisi son "Misanthrope."* Pense-i-on que c'est par erreur? Non; mais voilà par ou le désir de faire rire aux dépens du personnage, le force à le dégrader contre la vérité da caractere,"

Rousseau toma na defesa do *misanthrope* Alceste um interesse que a natureza do seu caracter muito bem explica... Mas ele é que *a mal saisi son Misanthrope*.

Porque se é certo que o comediógrafo não toma o partido de Alceste, também é certo que não toma o partido do meio que lhe opõe. Esse meio, bem ao contrário, é evidente empenho de Molière mostrá-lo enredado em intrigas, fervilhante de mentira, ridículo de futilidade.

Alceste vê aí maltratada a sinceridade da sua crítica, a justiça da sua causa, posta a ridículo a austeridade do seu amor - e não transige, tempestua até ao fim, até ao voluntário desterro, a sua raiva contra a inferioridade moral que o rodeia, dá voz à oposição eterna entre a rigidez dos princípios e a miséria dos costumes.

?Mas porque não triunfa ele, dominando o meio, salvando-o?— Porque não tem a fisionomia moral do apóstolo. A sua virtude é agressiva, desejaria a purificação do mundo, não pela sua transfiguração em beleza, mas pela sua redução a escombros.

No exasperado ódio pelos homens, a propósito da sua recusa a apelar duma sentença que o arruina, escapa-lhe este grito em que vai uma alma:

Ce sont vingt mille francs qu'il m'en pourra coûter;  
Mais pour vingt mille francs j'aurai droit de pester  
Contre l'impiété de la nature humaine  
Et de nourrir contre elle une immortelle haine.

Não era evidentemente a psicologia de quem assim odeia os homens ainda mais do que ama os princípios, que o benévolo, sociabilíssimo Molière havia de erguer como modelo. A' atitude moral de Alceste, tinha Molière razão para preferir a sua própria atitude... ?Não sugere virtudes heróicas e extraordinárias? Mas, primeiramente, os limites clássicos da comédia não comportavam ainda a grandeza dos heróis e só muito mais tarde êles foram procurados na vida burguesa. Depois, nem só prègando virtudes extraordinárias se faz obra construtiva. Se a virtude média é a virtude de todos os dias, se é o resultado daquela economia espiritual que faz chegar para uma vida inteira a energia que tanta vez se expande inteira num momento, pregá-la é realizar obra construtiva, é, em França, tonificar ainda mais a já boa saúde do corpo social, fortalecendo-lhe aquele estrutural equilíbrio que é o segredo de todos os seus triunfos.

E foi esta, essencialmente, a obra de Molière.

Creio, meus senhores, que o suficiente dissemos para nos representar os traços mais definidores do rosto moral de Molière. E gracioso sem deixar de ser profundo, tem *verve* irresistível o seu espirito, sem que faltem altos objectivos à sua obra, e se não prega virtudes heróicas, é o indefectível, sagacíssimo médico moral dos seus contemporâneos.

Mas neste espírito claro de sereno bom-senso ?não surpreendem V. Ex.<sup>as</sup>, afinal, o próprio espírito francês, com o expoente do génio?

Molière apenas dá mais altura e mais beleza a esse sorriso gaulês que responde a todas as exaltações e a todos os exageros, a esse brincar no contentamento do próprio equilíbrio, a essa vivacidade duma perfeita saúde orgânica, a esse amor ao epigrama e à graça leve, que não é, de modo algum, o gosto do superficial e do fútil, mas a economia da força que lá fica de reserva, para explodir nas grandes oportunidades.

Porque jamais o riso impediu que a França fôsse o país idealista e criador que tem sido antes bem se pode dizer que só a magnífica saúde que ele revela poderá ter condicionado as suas vitoriosas largadas para o Futuro. Lembremos que, na Edade Média, foi a mesma França que riu com as narrativas do *Roman de Renard* e dos *Fableaux* a que depois colaborou com o misticismo visionário de

Joana d'Arc. No século XVI, Rabelais deu a rir um dos mais fecundos abalos ao pensamento francês, como arvêloas, em torno do seu génio de semeador, voejaram as ruidosas gargalhadas do seu cómico. No século XVIII, Voltaire prepara, a Ironizar e a rir, um dos mais extraordinários movimentos de renovação social. E era ontem ainda que a França, levemente scéptica, pedia a Anatole a ironia amável para sorrir um pouco de quanto de imperfeito e incongruente, de falso e mau há nas nossas almas e nas nossas obras. Mas, num grande conclave de energias, despertas de súbito, toda ela foi, em face do perigo próprio e alheio, uma intensa, uma bela, uma vitoriosa afirmação de fé, a mais perfeita e grave atitude a que um povo pode erguer-se, em face do presente e do futuro, em face dos homens e de Deus.

Pôrto.

HERNANI CIDADE.